Osvaldo Moles: a genialidade no rádio paulista[1]

Antonio ADAMI[2]
Bruno MICHELETTI[3]
Universidade Paulista - São Paulo - SP

Resumo

O artigo trata da vida e obra de Osvaldo Moles, no ano do centenário do seu nascimento, este que é uma das maiores expressões do rádio paulista e brasileiro, com uma vasta e reconhecida produção no rádio, em diferentes gêneros e formatos. Pode-se dizer que Osvaldo Moles é um pioneiro profissional em vários meios e veículos de comunicação, no rádio, imprensa escrita, cinema, literatura, publicidade e no *marketing* político. No rádio, Moles demonstra uma incrível versatilidade de facetas criativas que divertem o grande público e, muitas vezes, contribuem para a transmissão de conteúdos eruditos ou críticas acirradas à política e cultura nacionais. Consagrado na PRB-9 Rádio Record de São Paulo, a partir dos anos 1940, logo percebe o potencial de Adoniran Barbosa e cria dezenas de programas e personagens que fazem sucesso na voz do sambista "ítalo-caipira-paulistano".

PALAVRAS-CHAVE: Osvaldo Moles; Adoniran Barbosa; Laudo Natel; História dos meios; PRB-9 Rádio Record de São Paulo.

[1] Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] ANTONIO ADAMI é Doutor pela FFLCH-USP; fundador e professor titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista; professor convidado do Programa de Doctorado en Periodismo de la Facultad de Ciencias de la Información de la Universidad Complutense de Madrid; pesquisador do Grupo "Mídia, Cultura e Memória", junto ao CNPq e MediaCom Group, junto à UCM.
Endereço: antonioadami@uol.com.br

[3] BRUNO MICHELETTI é Jornalista e Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista; participa do grupo "Mídia, Cultura e Memória", junto ao CNPq.
Endereço: bruno.unip.jor@gmail.com

Introdução e metodologia

Primeiramente esclarecemos que quando utilizamos os verbos no presente é para que o texto tenha um caráter de atualidade, uma dimensão que se perpetua. Uma outra demanda, que creio ser importante aqui, é que quando trabalhamos com a história das mídias, estamos muitas vezes "revisitando" elementos de nossa originalidade cultural, que tende a desaparecer todos os dias em função de padrões de consumo impostos pela mídia em escala planetária. Portanto, este campo de pesquisa tem grande relevância para a área de Comunicação e não é o fato de ser ou não uma homenagem a determinado autor que vai negar o valor científico de um texto, ao contrário, o próprio campo possui esse caráter. Aliás, o que caracteriza a pesquisa científica é o entendimento de que esta vise a produção de conhecimento relevante teórica e socialmente e que preencha uma lacuna importante do saber, neste caso com relação à obra de Osvaldo Moles, na radiofonia, jornalismo, literatura, publicidade, humor, teatro, cinema, com riquíssimos documentos levantados e aqui apresentados. Esclareço também que o método de trabalho utilizado nesta pesquisa e particularmente neste artigo, está dentro de um quadro teórico condicionado por pressupostos epistemológicos, com o entendimento do papel dos pesquisadores como "intérpretes da realidade pesquisada", segundo os instrumentos teórico-epistemológicos adotados.

Sobre as pesquisas de caráter documental e biográfico, embora esta não seja estritamente deste caráter, pois navega na busca de um maior entendimento da vida e obra de Osvaldo Moles, ressaltamos aqui a posição de alguns conceituados autores. Ao refletir sobre as funções básicas do ato de entrevistar, pesquisar, checar as informações e escrever, o jornalista e biógrafo Alberto Dines[4] (2012) ressalta que "a biografia é o estágio superior do jornalista". Já Sérgio Vilas Boas (2008) propõe quatro elementos da pesquisa biográfica que se referem diretamente à maneira de pesquisar e compreender o biografado:

1 - descendência;

2 - fatalismo;

3 - extraordinariedade;

4 – verdade.

Um outro autor que escreve sobre a pesquisa documental é Creswel (2010). Para ele, a composição dos significados subjetivos poderá ser atribuída à pesquisa documental, a partir da metodologia oral, sendo negociada social e historicamente para produção de

[4] Conforme entrevista concedida ao programa Roda Viva, exibido pela TV Cultura, São Paulo, em fevereiro de 2012.

relatório conclusivo. Para Berger e Luckmann (2004), os significados não estão estampados nos indivíduos, são formados pela interação com as outras pessoas - daí o construtivismo social -, normas históricas e culturais que influenciam na vida do pesquisado. Incluímos rapidamente estas reflexões metodológicas de pesquisa, pois são muitas as dificuldades para se realizar um trabalho dessa natureza, segundo Adami, Boll e Pires (2004), além da raridade de material também pressupõe a aproximação com os entrevistados, criando uma relação de confiança mútua, o que nem sempre é possível.

Para dar conta desta pesquisa, além da análise de livros, artigos em periódicos científicos, jornais e revistas, foram extremamente ricas e importantes as entrevistas realizadas com o ex-governador Laudo Natel, com quem Moles trabalhou; com o pesquisador Mário Fanucchi, com quem Moles também trabalhou e com Beatriz H. R. de Almeida Savonitti, sobrinha-neta e herdeira do espólio de Osvaldo Moles, um rico acervo que contém roteiros originais, letras de músicas compostas em parceira com Adoniran Barbosa, peças publicitárias, contratos, recibos diversos, projetos e planos para a produção em comunicação, jornais de sua época, certificados de prêmios, troféus recebidos por Moles, cartas e documentos pessoais, livros e discos de vinil, mobiliário do seu escritório pessoal, entre outros documentos que estamos analisando.

Osvaldo Moles na Tupy, Record e Bandeirantes

Durante vários anos tenho me debruçado com grande interesse na pesquisa sobre a história das mídias, particularmente o rádio, esperando contribuir para o aprimoramento do conhecimento de personagens, datas, programas, empresas de radiodifusão etc. Este artigo, que contou com a participação de um segundo autor, já citado, é fruto de uma pesquisa mais ampla, denominada “Dossiê Sonoro”, e possui este caráter memorialista, mas com uma peculiaridade, trata-se de uma homenagem ao centenário de nascimento de Osvaldo Moles, um dos maiores e mais importantes nomes da história do rádio de São Paulo e do Brasil, que infelizmente tem um fim trágico, como veremos na evolução do texto.

Osvaldo Moles (assim mesmo com V e apenas um L – segundo sua carteira de identidade, registro geral número 998.621), nasce em Santos, em 14 de março de 1913, filho de Antonio Moles e Emilia Prisco. Tem uma irmã, Pascoalina Moles, e é casado com Maria de Lourdes Ramos Ferri Moles, também jornalista e pioneira critica de cinema e da imprensa feminina paulista, conhecida por Anita Ramos, aliás, com quem Moles sempre esteve muito ligado.

Registro Geral de Osvaldo Moles. Fonte: Acervo Pessoal de Beatriz Savonitti. Pesquisa realizada em 2012 e 2013.

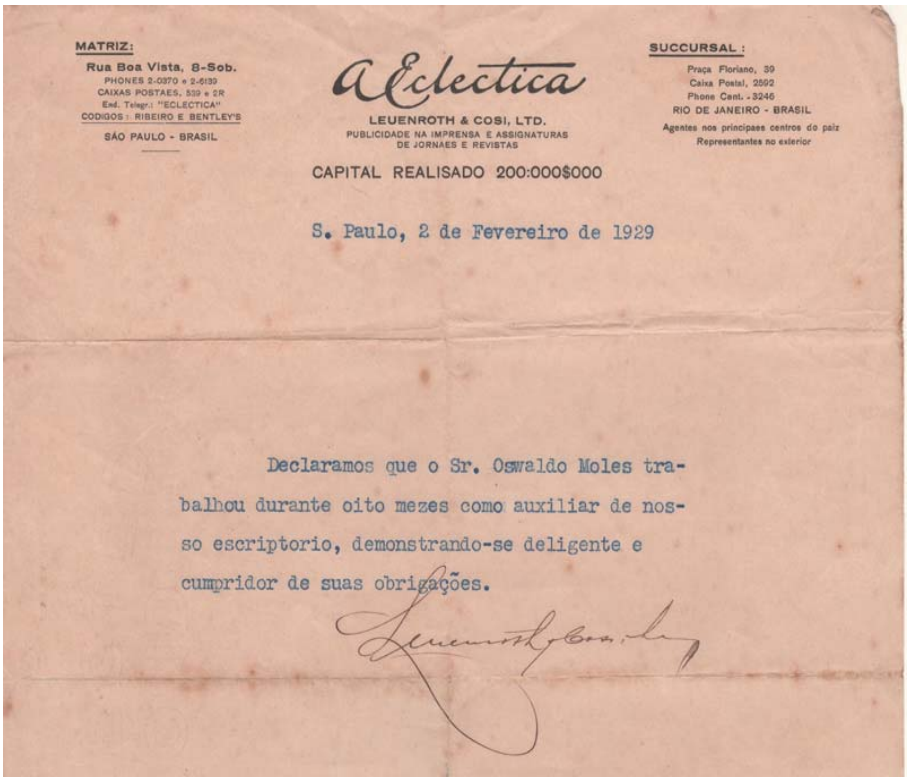
Segundo Moura e Nigri (2002), Moles é filho de operários e ainda menino muda com seus pais de Santos para a capital, viajando no colo da mãe, que o matricula em um colégio de Padres no bairro do Pari[5], onde vão morar. Moles é de uma família muito humilde, de tal forma que o menino vai para a escola com sapato apenas em um pé. Enrola um pano no dedão do outro pé para dizer que está machucado. Na crônica "Recordação de Escola", do Livro Piquenique Classe C (1962, p. 97), Moles relata o fato no trecho: "A gente ia, então, para a escola com um pé calçado e outro descalço [...] e com o dedão amarrado num pano para fingir que estava machucado", o motivo, descrito na crônica, era que criança pobre dividia o par de sapatos com o irmão. A crônica ainda cita Peixotinho, o menino rico que "exibia sapatos duplos, de cores" e a história termina com um professor, que dava aulas com a calça rasgada, denunciando assim a identidade pobre, semelhante à maioria dos alunos.

Muito atento e criativo, marca que o eterniza, Moles quando criança ouve do Padre Simeão, que nunca venceria na vida. Mais tarde, escreveria crônicas sobre este fato e, quando já como um conceituado diretor de rádio, diz brincando: "eu nunca quis vencer

[5] O bairro do Pari está situado na região central de São Paulo e passou por diversas transformações. Já foi um bairro estritamente italiano, depois grego e recentemente abriga coreanos e sul-americanos. Durante o mês de junho, acontece anualmente a festa mais tradicional de Santo Antônio na cidade, que em 2013 teve sua 99ª edição.

mesmo. Vencer é para cavalo de corrida". Mesmo assim, no ano de 1927, conclui o "Curso Anexo" da "Escola de Commercio D. Pedro II" [6].

No ano seguinte, em 1928, com apenas 15 anos de idade, Osvaldo Moles começa a trabalhar em uma agência que vende assinaturas e publicidade de diversos jornais e revistas, A Ecléctica – Leunroth & Cosi Ltd. – Publicidade na Imprensa e Assignaturas de Jornaes e Revistas. Oito meses depois, já no ano de 1929, Moles faz sua estreia no jornalismo, trabalhando no Diário Nacional, conceituado jornal da época e voz oficial do Partido Democrático (PD). É nesta redação que Moles conhece expoentes personalidades, inclusive do movimento Modernista, tais como Mario de Andrade e Sérgio Milliet.


MATRIZ:
Rua Boa Vista, 8-Sob.
PHONES 2-0370 e 2-6139
CAIXAS POSTAES, 539 e 2R
End. Telegr.: "ECLECTICA"
CODIGOS: RIBEIRO E BENTLEY'S
SÃO PAULO - BRASIL

a Eclectica
LEUENROTH & COSI, LTD.
PUBLICIDADE NA IMPRENSA E ASSIGNATURAS DE JORNAES E REVISTAS

SUCCURSAL:
Praça Floriano, 39
Caixa Postal, 2592
Phone Cent. - 3246
RIO DE JANEIRO - BRASIL
Agentes nos principaes centros do paiz
Representantes no exterior

CAPITAL REALISADO 200:000$000

S. Paulo, 2 de Fevereiro de 1929

Declaramos que o Sr. Oswaldo Moles trabalhou durante oito mezes como auxiliar de nosso escriptorio, demonstrando-se deligente e cumpridor de suas obrigações.

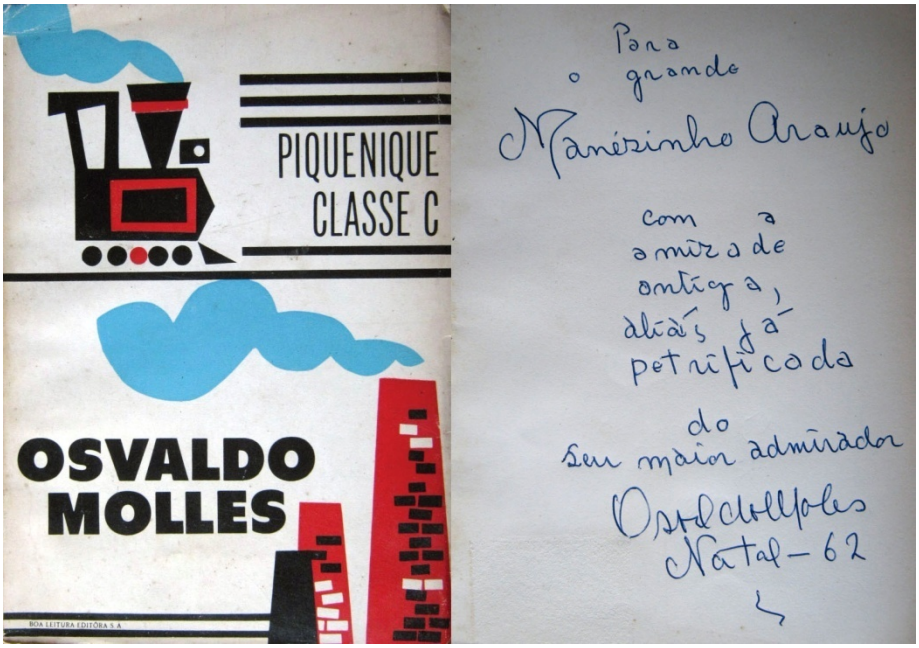
Carta de Referência de Osvaldo Moles. Fonte: Acervo Pessoal de Beatriz Savonitti, sobrinha-neta de Osvaldo Moles. Pesquisa realizada em 2012 e 2013.

No começo dos anos 1930, Moles muda de veículo e passa a escrever para o São Paulo Jornal, em seguida, viaja para o Nordeste do Brasil, fixando residência na cidade de Salvador-BA, onde se torna um dos fundadores do jornal O Estado da Bahia. Segundo Moura e Nigri (2002), durante o período em que esteve na Bahia, Moles escreve uma série de reportagens sobre a dura vida do nordestino, que é publicada na Bahia e no São Paulo

[6] Conforme matéria publicada no jornal Folha de S. Paulo, datado de 18 de dezembro de 1927.

Jornal. Com este trabalho, ele ganha o Prêmio Cidade de Salvador. O Estado da Bahia, é citado na obra de Jorge Amado (1945)[7] e chega a pertencer aos Diários Associados, de Assis Chateaubriand, sendo uma importante voz para a consciência negra e cultura religiosa africana, de acordo com Vinícius Clay (2006). Segundo pesquisa que realizamos, em entrevista com o técnico administrativo Luiz José de Carvalho, da Biblioteca Central do Estado da Bahia, onde atualmente encontra-se o acervo deste jornal "O Estado da Bahia circula entre os anos de 1933 e 1969".

Deste período no nordeste, pouco se tem notícia e também não se tem informação de quais são as datas exatas em que Moles trabalha no jornal. Algumas décadas depois, precisamente no ano de 1962, ao longo de sua carreira, muitas dessas crônicas sobre a vida dos nordestinos e outras publicadas em grandes veículos como a Folha de S. Paulo e a Revista Manchete, são selecionadas e publicadas no livro Piquenique Classe C: Crônicas e Flagrantes de São Paulo, publicado pela editora Boa Leitura.



Capa do livro Piquenique Classe C, autografado por Osvaldo Moles para Manesinho Araujo, "O Rei da Embolada". Fonte: Acervo Pessoal de Bruno Domingues Micheletti. Pesquisa realizada em 2012.

A partir de 1934, novamente em São Paulo, Osvaldo Moles trabalha como repórter policial no Correio Paulistano, importante jornal paulista que está com sua redação fechada desde 1930, devido ao primeiro governo de Getúlio Vargas. A reabertura do jornal conta

[7] No livro "Bahia de Todos os Santos - Guia de ruas e mistérios", foi escrito no ano de 1944 e sua primeira edição publicada pela Livraria Martins Editora, São Paulo, setembro de 1945, com capa de Clóvis Graciano e ilustrações de Manuel Martins.

com o apoio de correligionários do Partido Republicano Paulista (PRP) e o Correio Paulistano então se auto-nomeia a voz oficial do referido partido. É neste jornal que Moles conhece Anita Ramos, sua futura esposa. Em 1937, ele muda de meio e faz sua estreia na PRG-2 Rádio Tupy de São Paulo, participando da inauguração e sendo o único redator da emissora na época. Na PRG-2 é que Osvaldo Moles aprende e entende melhor o que é o rádio, um poderoso mediador da cultura popular brasileira e paulista, com poder para mover as massas. Trabalha na programação da emissora de Chateaubriand e seus primeiros programas já fazem grande sucesso, demonstrando o talento e a criatividade para o rádio. Em um concurso para que os ouvintes escolham a melhor estação de São Paulo, ele ganha o prêmio Cinquentenário R. Monteiro, com um programa especial que consegue reunir Josephine Baker com a orquestra Francisco Canaro e Pedro Vargas com a orquestra Rimac.

Não nos esqueçamos que naquele momento a Tupy nasce no bojo do mega projeto de comunicações do empresário Assis Chateaubriand e está destinada, com sua homônima carioca, a liderar a numerosa família das "Emissoras Associadas". Aliás, cabe esclarecer que estamos utilizando *Tupy*, segundo pesquisa realizada por Adami (2004) pois é como aparece na "Relação das Estações Brasileiras de Radiodifusão", listagem do Ministério da Viação e Obras Públicas (órgão responsável na época pela radiodifusão, o que mais tarde seria o Ministério das Comunicações). Com o tempo, a letra "Y" passa a ser "I", aparecendo como Rádio Tupi e depois também como TV Tupi. Esclarecemos também que segundo o Anuário Estatístico do Brasil, Radio-difusão Cultural (1937), a Rádio PRG-2 Tupy aparece como Rádio Tupan S/A, provavelmente um erro de escrita, mas, de qualquer forma, um documento oficial.

Segundo Celso de Campos Jr. (2009), Osvaldo Moles recusa algumas vezes o convite para trabalhar na PRB-9, Rádio Record de São Paulo. É por insistência do amigo Octavio Gabus Mendes e uma proposta de salário e condições de trabalho irrecusáveis por parte do dono da emissora, Paulo Machado de Carvalho, que Moles aceita o convite e troca de veículo no ano de 1941. O primeiro programa que assume é A Semana em Revista, uma criação do próprio Octávio Gabus Mendes, que antes de passar a responsabilidade dos roteiros, apresenta dois jovens, que ele mesmo leva para emissora poucos meses antes: Adoniran Barbosa e Mariamélia. É o começo de uma longa amizade e parceria entre Adoniran e Moles, que amplia sua participação no programa e reconhece o talento humorístico do jovem rapaz.

Moles é especialista na linguagem popular e grande criador de textos e diálogos, inclusive escrevendo roteiros para a Cinédia e outras companhias. Sobre o momento brasileiro e sobre a cultura popular brasileira, escreve Napolitano (2004):

> Nas vertentes mais populares do rádio, do cinema, da música dos anos 1950, configurou-se determinada face coletiva do povo brasileiro, síntese de práticas, valores sociais e representações simbólicas e, muitas vezes, puramente ideológicas. Alguns elementos dessa síntese são perfeitamente identificáveis naquela produção cultural: malícia ingênua, senso de humor "natural", esperteza e dignidade diante dos desafios éticos e materiais da vida, solidariedade espontânea com os mais fracos, romantismo, mistura de crítica sutil e conformismo diante da ordem social. Estas características gerais, amplamente percebidas nos produtos da cultura de massa dos anos 1950, obviamente, não podem ser analisadas sem as tensões e contradições inerentes. Mas, de uma forma ou de outra, marcaram uma representação do popular, que atravessará as décadas seguintes[...] (NAPOLITANO, 2004, p.16).

O grande salto profissional de Moles se dá nos anos 1940, momento de consolidação do rádio brasileiro e paulista. Considerando o texto acima e, para nos posicionarmos melhor e entendermos um pouco mais daquele momento histórico para a comunicação de massa, a partir de 1940, no cinema temos três grandes companhias: a Cinédia, Cinestri e Atlântida, todas com obras fílmicas que focam o homem comum que se apaixona e se envolve em dramas românticos, além de comédias também do cotidiano. Destacamos os atores Grande Otelo e Dercy Gonçalves entre tantos outros. Nos anos 1950, Osvaldo Moles assina, junto com Miroel Silveira, o roteiro dos premiados filmes: Simão, o Caolho[8] (1952) e Mulher de Verdade[9] (1954), que são dirigidos por Alberto Cavalcanti. A música erudita enfrenta a revolução da Bossa Nova, com narrativas simples, voz suave e casos de amor e praia. A Bossa Nova por sua vez também enfrenta o vanguardismo da Jovem Guarda, dos anos 1960, que aparentemente não se preocupa com política ou qualquer outra questão que não sejam as aventuras da juventude, carros, motocicletas: “e que tudo o mais vá pro inferno”, letra e música de Roberto Carlos, ícone da Jovem Guarda. Por sua vez o Movimento Tropicalista, de Caetano Veloso, Gilberto Gil, Chico Buarque de Holanda, Tom Zé,

[8] Filmado pela produtora carioca Maristela, Simão, o Caolho é um filme baseado na adaptação do livro "Memórias de Simão, o Caolho", escrito por Salisbury Galeão Coutinho. Inicialmente escrito em meio ao barulho da redação do jornal A Gazeta, onde originalmente é publicado em formato de folhetim, ganha uma versão em formato de livro, no ano de 1937, graças ao sucesso que fez entre os leitores.

[9] Produzido pela Kino Filmes e distribuído pela União Cinematográfica Brasileira (U.C.B.), "Mulher de Verdade" é protagonizado por Inezita Barroso e conta a história de Amélia, uma enfermeira que leva uma dupla vida amorosa.

Torquato Neto, Mutantes, introduz na Música Popular Brasileira a guitarra e o rock, tão questionado pelos bossanovistas, o que também causa uma revolução na música e na cultura. Também nesse período temos as lutas a partir do Centro Popular de Cultura – CPC, onde se tem a cultura, arte e educação engajadas politicamente e extremamente revolucionárias. É o período de Paulo Freire, do teatro Oficina, Teatro de Arena. É o período também do pré-golpe militar de 1964, que ceifaria a criatividade, substituída pela brutalidade da ditadura. Enfim, o rádio e Osvaldo Moles estiveram presentes em todos estes momentos da cultura brasileira, com profissionais de diferentes ideologias, mas atentos ao que ocorria.

Voltando novamente aos trilhos da carreira de Osvaldo Moles, este nunca se achou um escritor, gostava de se definir como um "cronista pé-de-chinelo". Andava pelas ruas do centro de São Paulo e pela periferia da cidade anotando as impressões que esta lhe causava. Estas anotações, tornavam-se pérolas nas mãos criativas de Moles em textos humorísticos, depois como peças radiofônicas. Mário Fanucchi (2013), em conversa recente que tivemos, fala:

> Meu contato pessoal com Osvaldo Moles se deu na década de 1950, não dentro do rádio, em que ele era um expoente e eu, recém-chegado a São Paulo, reencetava minha carreira iniciada havia cinco anos. É que eu tinha sido convidado a fazer parte de uma equipe, liderada por Moles, responsável pela produção da propaganda de um candidato. Pude, assim, conviver por um breve período com alguém cuja trajetória eu conhecia, na condição de simples ouvinte, e, depois, continuei a acompanhar mesmo quando trabalhava numa emissora concorrente.
> O fato é que os programas de Osvaldo Moles são uma referência para o que de melhor o rádio brasileiro produziu na chamada "Era de Ouro". Revivê-los é, mais do que um prazer, um dever de ofício. E aí vai um exemplo:
> "Bangalôs e Malocas" era o título de uma notável série, com apresentações semanais, ao vivo, no auditório, com a participação de um elenco de que faziam parte Adoniran Barbosa, a orquestra, sob a direção de Hervê Cordovil, e um intérprete da música que fechava cada audição.
> Convido-os a analisar a construção da cena (com música incidental e tudo!), a autenticidade de seus personagens, a força do diálogo (na bem manejada linguagem dos excluídos!), tudo a demonstrar a rica imaginação do autor, além do inteligente uso dos melhores recursos do rádio à época (FANUCCHI, Mário. 2013).

Moles e João Rubinato

Adoniran é filho de imigrantes italianos, de Veneza. Nasce em Valinhos-SP, em 6 de agosto de 1910. Estuda até o terceiro ano primário e trabalha com o pai como carregador de vagão em estrada de ferro, depois, é entregador de marmita no Hotel Central de

Valinhos, também varredor em uma fábrica de tecidos e em 1924 muda-se com a família para Santo André. Na grande São Paulo, é tecelão, pintor, encanador, serralheiro, mascate, garçom. No Liceu de Artes e ofícios aprende a ser metalúrgico-ajustador. Convivendo com o povo e entregando compras das lojas da Rua 25 de Março é que ele passa de vez em quando pela Rádio Cruzeiro do Sul, na Ladeira Porto Geral, região central de São Paulo, e conhece artistas da época: Paraguaçu, Januário de Oliveira, Zezinho do Banjo, entre tantos outros. Vive batucando pelos bares do centro, e daí, começa a compor. Diz Adoniran a Paulo Sérgio M. Machado e Cleonice Lima (1978):

> No fim de 1941 fui para a Rádio Record, levado pelo Otávio Mendes. Trabalhava com ele fazendo novela e radio-teatro. O programa de rádio-teatro se chamava Serões Domingueiros. Então eu funcionava como ator. Acabei ficando só na Record, onde fiquei amigo de Osvaldo Moles, Raul Duarte, Teófilo de Almeida Sá. No ano seguinte encontrei o maior sujeito do mundo. O Barreto Machado. Era Rádio-ator e ganhava 1 conto de réis por mês e só fazia um programa. Eu trabalhava todos os dias e recebia 30 mil réis por programa. Me queixei pro Teófilo de Almeida Sá, na Record, e ele me disse: "Fala com o Barreto, vê se ele quer dividir o dele com você". Fumo os dois falá com o Barreto. Ele nem discutiu: "Vamos dividir sim, é justo, num tem nada, ta dividido". Nessa época eu já estava morando na Aurora (MACHADO, P.S. e LIMA, Cleonice, 1978).

Adoniran é apresentado a Moles por Otávio Gabus Mendes, que já o conhece e sabe do talento deste, principalmente com tipos populares. Estas características é que tornam possível uma dupla de mestres, das mais importantes do rádio brasileiro. Na verdade, a dupla tem também um gênio da programação que é o Gabus Mendes. Dali nascem personagens inesquecíveis do humorismo no rádio, a partir do programa já citado acima Serões Domingueiros, que tem grande audiência na época.

Osvaldo Moles e Adoniran Barbosa. Fonte: Acervo Pessoal de Beatriz Savonitti. Pesquisa realizada em 2012.

Moles escreve e Adoniran interpreta, muitas vezes com extremo improviso. Interessante que realmente são muito parecidos. Adoniram é o próprio personagem popular de Moles. O crioulo que ele imitava é querido e reconhecido pelo público. Moles produz e dirige o programa Casa da Sogra e neste programa cria um tipo para Adoniran, o malandro Zé Conversa. Pelo sucesso do personagem Moles cria outros personagens e quadros: Zé Conversa e Catarina, representada pela atriz Mariamélia; cria também Moisés Rabinovic, judeu das prestações; Jean Ruminet, galã do cinema francês; Richard Morris, professor de inglês; Dom Segundo Sombra, cantor de tango-paródia; Perna-Fina, chofer italiano; Comendador Gigio Magnagati, entre outros. Na entrevista já citada, publicada pela Editora Abril (1978), Adoniran conta sobre um dos maiores programas do rádio em São Paulo o "História das Malocas" :

> Aí o Moles saiu da Record e foi para a Bandeirantes. E eu fui fazer cinema. Trabalhei prá Cinédia, com o Adhemar Gonzaga: Pif-Paf e Caídos do Céu, com a Dercy Gonçalves. Em 1952 fiz O Cangaceiro e fumo premiado em Cannes. A filmagem foi em Vargem Grande. Quando voltei o Moles estava de novo na Record e tinha escrito prá mim a História das Malocas. Eu já tinha gravado o samba em 1950, e ele escreveu em cima da música e criou o personagem Charutinho, não porque eu fumasse charuto, mas porque eu era corintiano – e ainda sou – e na época o Corinthians estava pras cabeça. O presidente do Corinthians fumava charuto e daí o nome. Esse programa era apresentado sexta-feira à noite e reprisado no domingo às 11 horas. Foi sucesso total e ficou dez anos no ar. Acabou em 1965 (MACHADO, P.S.M. e LIMA, Cleonice, 1978).

LP História das Malocas, São Paulo, Chantecler, 1962. Fonte: Anúncio de venda do LP na internet pelo site Mercado Livre. Pesquisa realizada em 2012.

Depois que História das Malocas sai do ar, em 1966, ainda como líder de audiência, Adoniran fica meio parado, e a morte de Osvaldo Moles no ano seguinte o toca profundamente.

Ainda na década de 1950, funda em sociedade com Mario Nadeu, a Morumbi Publicidade. É nesta empresa que Osvaldo Moles cria toda a campanha para a venda das cadeiras cativas do Estádio Cícero Pompeu de Toledo (Estádio do Morumbi). Segundo depoimento do ex-governador Laudo Natel – presidente do SPFC na época – sem esta verba, não seria possível a construção do Estádio. Em 1962, Osvaldo Moles desenvolve a campanha de Laudo Natel para concorrer como vice-governador do Estado de São Paulo. Naquela época o voto para vice é separado do voto para governador e Osvaldo Moles desenvolve uma campanha que pode ser explicada utilizando conceitos de *marketing* político atual, e que elege Laudo Natel com 1,2 milhões de votos, derrotando nomes fortes como o de Faria Lima. Laudo Natel[10] declara:

> Eu diria que [Osvaldo Moles] foi um homem eclético. Foi jornalista, foi radialista, foi publicitário, foi letrista, foi compositor, foi escritor... Enfim, foi um homem eclético! Um homem de várias atividades e uma figura marcante. Eu diria até que foi uma das figuras mais marcantes que eu conheci na vida. Eu conheci Osvaldo Moles quando eu era presidente do São Paulo Futebol Clube e principalmente naquela fase de lançamento do Estádio do Morumbi. Todos sabem que o Morumbi foi uma obra, que eu considero como se fosse uma obra de igreja. Eu digo sempre que o Estádio do São Paulo tem o nome do saudoso "Cícero Pompeu de Toledo", mas se tivesse um sobrenome seria: "Fé e Perseverança". Por que foi produto da fé e da perseverança. E foi Osvaldo Moles, quem colocava na prática as ideias que foram surgindo para a construção do estádio. Venda de cadeira cativa; títulos patrimoniais; campanha do cimento; colocando ao alcance da torcida esportiva, e principalmente ao são paulino, aquelas ideias que foram surgindo, que possibilitaram, ao longo de 18 anos, a construção do estádio. Osvaldo Moles portanto, foi uma figura ímpar! Foi um programador de rádio e de televisão. Foi um homem muito interessante. Foi uma figura que deixou saudade. Eu só lamento as vezes, e não entendo até hoje o fim que teve Osvaldo Moles. Ele que foi na essência também um humorista. Ele era um homem bem humorado. Um homem que vendia as ideias de otimismo, não é verdade? E cujo a companhia... era muito agradável! Tanto que no plano pessoal, eu considero que ele foi um grande amigo. Convivemos durante muito tempo (NATEL, 2012).

[10] Entrevista concedida aos autores em 09 de abril de 2012, em São Paulo – SP.

Croqui publicitário criado por Osvaldo Moles para venda das cadeiras cativas do Estádio do Morumbi. Fonte: Acervo Histórico do São Paulo Futebol Clube. Pesquisa realizada em 2012-2013.

Após uma carreira gloriosa, com passagem pelos principais meios de comunicação de São Paulo, com programas de rádio, criação de grandes personagens, crônicas jornalísticas, roteiros para cinema, tendo também experiência jornalística na Bahia, em 1967, Osvaldo Moles comete suicídio com um disparo de arma de fogo contra sua cabeça. Morre um dos maiores e melhores do rádio. No apartamento estão apenas ele e sua esposa e o acontecimento gera uma série de dúvidas e boatos que permeiam sua morte até hoje. Acreditamos que devido a este suicídio, Osvaldo Moles tenha praticamente “desaparecido” da mídia. Sua morte não é noticiada, sendo que nos registros da época encontramos apenas uma nota no jornal Folha de S. Paulo, publicada em 15 de maio de 1967, sem maiores explicações sobre o fato. Em entrevista[11], Beatriz Savonitti nos revela que a morte de Moles torna-se assunto proibido na família Ramos, que na época, tem êxito em "abafar" o caso na imprensa. Laudo Natel é o primeiro a chegar no apartamento após o suicídio, antes mesmo da ambulância, que leva Osvaldo Moles, ainda com vida, para o hospital onde permanece internado por alguns dias, chegando a, algumas vezes, recobrar a consciência, mas sem poder falar. O ex-governador nega ter ajudado a "abafar" o caso junto à imprensa, porém

[11] Entrevista realizada em São Paulo, em 22 de agosto de 2012.

Beatriz, apesar de muito nova na época, nos disse que lembra de ouvir na família os agradecimentos pela interferência de Laudo Natel em minimizar a repercussão do suicídio. Acreditamos que a mídia, por respeito à família e ao próprio Moles, não transformou a morte em sensacionalismo. Mas afinal, os motivos ainda não são conhecidos. O público ficou sem saber que fim levou Osvaldo Moles. Apenas lembramos que a década de 1960, anunciou grandes mudanças para o Brasil, principalmente com relação ao papel que exerceriam as grandes empresas de comunicação, algumas subservientes e outras lacradas contra a vontade dos proprietários, pela ditadura militar, que se alastrava e se consolidava no país.

Referências bibliográficas

ADAMI, A.; BOLL, A.; PIRES DE OLIVEIRA, M. **Proposição para o uso da metodologia da história oral na pesquisa em Folkcomunicação**. 7ª Conferência Brasileira de Folkcomunicação – Lajeado-RS, 2004.

ADAMI, A. A Rádio Record de Paulo Machado de Carvalho: Uma Nova Linguagem. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2004. Porto Alegre: Intercom, 2004. CD-ROM.

AMADO, Jorge. **Bahia de Todos os Santos: Guia de ruas e mistérios.** São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BERGER, P.L. & LUCKMANN, T. **A Construção Social da Realidade.** 24.ed. Petrópolis- RJ: Editora Vozes, 2004.

BOAS, S. V. **Biografismo: Reflexões sobre as escritas da vida.** 1.ed. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

CARVALHO, José. **Jornal O Estado da Bahia e acervo da Biblioteca Central do Estado da Bahia**. Por telefone, 18 ago. 2012. Entrevista a Bruno Micheletti

CAMPOS JR, C. **Adoniran: uma biografia.** 2. ed. São Paulo: Globo, 2009.

CLAY, Vinícius. **O Negro em O Estado da Bahia.** Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal da Bahia, 2006.

CRESWELL, J.W. **Projeto de Pesquisa: Método Qualitativo, Quantitativo e Misto.** 4.ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FALECEU Osvaldo Moles. **Folha de S. Paulo.** São Paulo, 15 mai. 1967, p. 5.

FANUCCHI, Mário. **Osvaldo Moles**. São Paulo, 14 jun. 2013. Entrevista a Bruno Micheletti e Antonio Adami

LP História das Malocas. **Mercado Livre**. Disponível em: <http://produto.mercadolivre.com.br/MLB-484381575-lp-historia-malocas-esterzinha-de-souza-62-adoniram-barbosa-_JM> Acesso em 18 fev. 2013

LHAMAS, Sérgio. Josephine, a Vênus de Ébano que incendiou Paris**. O Estado de S. Paulo**. São Paulo, 20 jan. 1961, p. 4.

MOLES, O. **Piquenique Classe C: Crônicas e Flagrantes de São Paulo.** São Paulo, Editora Boa Leitura, 1962.

MOURA, F.; NIGRI, A. **Adoniran Barbosa:** Se o senhor não tá lembrado. São Paulo: Boitempo, 2002.

MULHER DE VERDADE (Filme). Alberto Cavalcanti (Diretor) e Osvaldo Moles (Roteirista), 1954. Son. p&b. 35 mm.

NATEL, Laudo. **Moles vida e obra; Campanha para Vice-Governador 1962; SPFC e Estádio do Morumbi.** São Paulo, 09 abr. 2012. Entrevista a Bruno Domingues Micheletti.

NAPOLITANO, Marcos. **Cultura Brasileira: Utopia e massificação (1959-1980).** 2.ed. São Paulo: Contexto, 2004.

PELO ensino: Escola de Commercio "D. Pedro II". Jornal Folha da Manhã, São Paulo, 18 dez. 1927, p.5.

MACHADO, P.S.M.; LIMA, CLeonice. **Adoniran Barbosa e Paulo Vanzolini. Nova História da Música Popular Brasileira.** São Paulo: Abril Cultural, 1978.

RODA Viva – Alberto Dines. **TV Brasil**. Disponível em: <http://tvbrasil.ebc.com.br/rodaviva/episodio/alberto-dines>. Acesso em 23 mar. 2012

SAVONITTI, Beatriz. **Vida Pessoal de Osvaldo Moles; Anita Ramos; Família.** São Paulo, 22 ago. 2012. Entrevista a Bruno Domingues Micheletti.

SIMÃO, O CAOLHO (Filme). Alberto Cavalcanti (diretor) e Osvaldo Moles (roteirista), 1952. 101 min. son. p&b. 35 mm.